

Ecologia no Islam

leitura corânica e perspectivas atuais

*Quando se trata
de manutenção da vida
e da natureza,
também as religiões
têm uma tarefa a cumprir.
Traduzir o patrimônio
religioso muçulmano
(como também o judaico-
-cristão) em programas
de educação ambiental
e gestão sustentável
dos recursos naturais
é uma tarefa urgente
para o presente e o futuro
de nossa vida na Terra.*

**Pe. Marcial
Maçaneiro, scj**
Faculdade Dehoniana
Taubaté, SP – Brasil

Introdução

Desde sua fixação canônica como texto sagrado do Islam, o Alcorão tem sido interpretado e comentado em diferentes épocas e contextos aplicativos, no campo exegético (*tafsir*), teológico (*kalam*), místico (*tawil*) e jurídico (*fiqh*). Marcado pela récita seqüencial – com contínuos e descontínuos, digressões e repetições didáticas – a proclamação corânica soa dramática e ao mesmo tempo atrativa, com forte apelo de musicalidade. Até para quem não compreende o árabe, a sonoridade da leitura (mais ainda se o texto for cantado) provoca uma peculiar sensação estética e mesmo espiritual.

À parte as lamentáveis expressões de radicalismo de alguns movimentos muçulmanos, que insistem na leitura violenta dos versículos corânicos, estamos diante de um Livro merecedor de estudo e atenção. Seja pelo dado estatístico dos milhares de leitores que o apreciam e seguem; seja pelo dado fenomênico, enquanto narrativa sagrada e hierofânica, cuja textura se vincula ao monoteísmo abraâmico com conexões diretas com o Judaísmo e o Cristianismo. Mais que um volume impresso, o Alcorão é um universo a ser explorado – como ocorre igualmente com outros textos sagrados, dos Vedas à Bíblia.

Neste breve ensaio nos concentramos na teologia corânica da Criação e no lugar que nela ocupa o ser humano – “vice-regente” de Deus na Terra – na procura

de indicações para a sustentabilidade do Planeta e a educação ambiental. Em outras palavras: ensaiamos uma leitura ecológica do Alcorão, ouvindo as narrativas deste Livro e acolhendo algumas perspectivas da recente “teologia ecológica” muçulmana. É nossa primeira aproximação a um tema promissor que certamente nos levará a futuras investigações¹.

“Allah é senhor do nascente e do poente”
(Sura 73,9)

Concorde com a tradição semita, o Alcorão considera a existência dos astros, da Terra, dos vegetais e animais, das águas e do ser humano, uma obra de Deus (cf. Suras 2,164 e 39,5). Este cria todas as coisas por sua livre vontade, mediante a potência de sua Palavra criadora: “Deus cria o que quer. Quando decreta alguma coisa, diz apenas *seja*, e ela é” (Sura 3,47). Trata-se da fórmula corânica *kun fa-yakun* (= seja, e ela é). Daqui alguns exegetas muçulmanos sustentam a teoria da Criação “ex nihilo” por parte de Allah².

Em outros versículos, há referências ao papel originário das águas: “Da água Ele criou o ser humano” (Sura 25,54). E ainda: “Criamos todos os seres vivos a partir da água” (Sura 21,30). Isto concorda, em certa medida, com a cosmogonia aquática do Gênesis: “Fervilhem as águas de seres vivos” (Gn 1,20); mais tarde retomada pelo apóstolo Pedro: “A palavra de Deus fez surgir da água a terra; e esta, sustentada pela água” (2Pd 3,5).

Allah é o criador, mantenedor e provedor de todas as coisas: “Deus, e não outro além dele, é o Vivente, o Subsistente pelo qual tudo subsiste” (Sura 2,255)³. Allah governa o mundo com justiça e benevolência (cf. Suras 2,22 e 14,32-34). Nada escapa à sua divina presciência: “Allah insere a noite no dia e o dia na noite; ele é Omniouvinte e Omnividente” (Sura 22,61). Ele cria e salvaguarda a criação: “Acima de vós criamos sete céus em estratos, e não descuramos da nossa criação” (Sura 23,17). Ele preside o fluir do tempo e a fixação do espaço, onde se move a diversidade das criaturas:

A Deus pertence o reino dos céus e da terra e a Deus será o retorno. Porventura, não reparas em como Deus impulsiona as nuvens levemente? Então as junta, e depois as acumula? Não vês a chuva manar do seio delas? E que ele envia massas de granizo, com que atinge quem lhe apraz, livrando dele quem quer? Pouco falta para que o resplendor das centelhas lhes ofusque as vistas. Deus alterna a noite e o dia. Em verdade, nisto há uma lição para os sensatos. E Deus criou da água todos os animais; e entre eles há répteis, bípedes e quadrúpedes. Deus cria o que lhe apraz, porque Deus é onnipotente. (Sura 24,42-45)

Não reparam, acaso, em como Deus origina a criação e logo a reproduz? Em verdade isso é fácil para Deus. Dize-lhes: Percorrei a terra e contemplai como Deus origina a criação; assim sendo, Deus pode produzir outra criação, porque Deus é onnipotente. (Sura 29,19-20)

¹ Preferimos aqui as formas *Allah* (Alá), *Islam* (Islão) e *Muhammad* (Maomé), em respeito à fonética árabe original.

² O Alcorão sugere a Criação “ex nihilo” também na Sura 2,117 e 164, sem determinar, com isso, um consenso no mundo islâmico.

³ O árabe diz *al-Hayyu* (o Vivente) e *al-Qayûmu* (o Subsistente pelo qual tudo subsiste).

**“Na criação do céu e da terra
há sinais para que razoeis”
(Sura 3,190)**

As criaturas glorificam a Deus e constituem um sinal evidente de sua onnipotência aos olhos da humanidade:

Seus [de Allah] são os louvores, nos céus e na terra, tanto na hora do poente como ao meio-dia. Ele extrai o vivo do morto, e o morto do vivo; e vivifica a terra, depois de haver sido árida. E assim sereis ressuscitados! Entre seus sinais está o de vos ter criado do pó; logo, vós sois seres que se espalham pelo globo. Entre seus sinais está o de vos ter criado companheiras da vossa mesma espécie, para que com elas convivais; e colocou amor e piedade entre vós. Por certo que nisto há sinais para os sensatos. E entre seus sinais está a criação dos céus e da terra, as variedades dos vossos idiomas e das vossas cores. Em verdade, nisto há sinais para os que sabem discernir. E entre seus sinais está o do vosso dormir durante a noite e, durante o dia, o de procurardes sua graça. Certamente, nisto há sinais para os que escutam. E entre seus sinais está o de mostrar-vos o relâmpago, provocando temor e esperança, e o de fazer descer a água dos céus, com a qual vivifica a terra depois de haver sido árida. Sabei que nisto há sinais para os que raciocinam. E entre seus sinais está o fato de os céus e a terra se manterem sob seu divino comando, e quando vos chamar, uma só vez, eis que saireis ressuscitados da terra. E seus são todos os que estão nos céus e na terra; tudo lhe obedece. Ele é quem origina a criação, logo a reproduz, porque isso lhe é fácil. Sua é a mais elevada similitude, nos céus e na terra; ele é o Poderoso, o Prudentíssimo. (Sura 30,18-27)

Semelhante à teologia bíblica, o Islam considera o cosmos um sinal (*ayat*) do poder, unicidade e sabedoria de Deus⁴:

Quem criou os céus e a terra, e quem envia a água dos céus, mediante a qual fazemos brotar vicejantes vergéis, cujos similares jamais podereis produzir? Poderá haver outra divindade em parceria com Deus? Qual! Porém, esses que assim afirmam são seres que se desviam. Ou quem fez a terra firme para se viver, dispôs em sua superfície rios, dotou-a de montanhas imóveis e pôs entre as duas massas de água (doce e salgada) uma barreira? Poderá haver outra divindade em parceria com Deus? Qual! Porém, a sua maioria é insipiente. Ademais, quem atende o necessitado quando implora, e liberta do mal e vos designa sucessores na terra? Poderá haver outra divindade em parceria com Deus? Quão pouco vós meditais! Também, quem vos ilumina nas trevas da terra e do mar? E quem envia os ventos alvissareiros, que chegam antes da sua misericórdia (= as chuvas benfazejas)? Haverá outra divindade em parceria com Deus? Exaltado seja Deus acima de quanto erroneamente lhe associam! Ainda: Quem origina a criação e logo a faz multiplicar? E quem vos dá o sustento do céu e da terra? Poderá haver outra divindade em parceria com Deus? (Sura 27,60-64)

⁴ A sabedoria judaica antecipa esta visão de mundo (cf. Sl 8 e 19; Eclo 17,1-12; Sb 13,1-9), cujas notas principais foram assimiladas por Muhammad no processo de elaboração do Alcorão.

“Ó Adão, habita o jardim, tu e tua esposa”
(Sura 2,35)

Entre as criaturas, o ser humano ocupa o posto de “califa” (Sura 2,30): vice-regente de Allah na terra⁵, dotado de inteligência e vontade, destinado a conhecer e amar Criador, em total rendição (= *islam*) à divina vontade:

Deus vos extraiu das entranhas de vossas mães, desprovidos de entendimento; então vos formou os ouvidos, as vistas e os corações, para que lhe agradecêsseis. (Sura 16,78)

Enobrecemos os filhos de Adão e os conduzimos pela terra e pelo mar; e os agradecemos com todo o bem; os preferimos enormemente sobre a maior parte de tudo quanto criamos. (Sura 17,70)

Segundo o Islam, o mundo foi criado ordenadamente e destinado a ser “casa da paz” (*dar es-salam*). Em vista disso, Allah criou o ser humano com capacidade cognitiva, moral e espiritual, para que fosse o seu “preferido” (Sura 17,70) e “legatário” na Terra (cf. Sura 2,30). Isto, contudo, não dá ao ser humano um poder irrestrito sobre seus semelhantes, nem sobre as demais criaturas. O curso do homem sobre a terra não pode ser uma tirania, mas uma tarefa construtiva, da qual prestará contas no Dia do Juízo (cf. Sura 30,30).

Além disso, o ser humano depende da Providência e da Luz divinas para discernir e cumprir o que é justo (cf. Sura 45,13-15; 67,1-4). Somente o Criador reina sobre as criaturas: “Foi Allah quem criou sete firmamentos e outro tanto de terras; e seus desígnios se cumprem, entre eles, para que saibais que Deus é onnipotente, Aquele que tudo abrange com sua omnisciência” (Sura 65,12). “Ele conhece tanto o que penetra na terra, como o que dela sai; o que desce do céu e o que a ele ascende, porque é infinitamente Misericordioso [*Rahim*] e Indulgente [*Ghafur*]” (Sura 34,2). “Ele é o Senhor do nascente e do poente” (Sura 73,9).

“Eles pisam a terra com humildade”
(Sura 25,63)

A Sura 25,63 diz: “Assim se comportam os servos do Misericordioso: eles pisam a terra com humildade”. No árabe, “pisar” equivale a “caminhar” ou “trilhar com os pés”. A humildade brota da autoconsciência criatural do homem e lhe confere a justa medida no relacionamento com o próximo e na gestão dos bens, especialmente os bens naturais. Esta “justeza” para com as coisas da Terra se traduz na expressão “pisar o chão com humildade” ou “pisar a terra delicadamente”. Esta perspectiva se amplia, quando o Alcorão propõe outras virtudes intelectivas, espirituais e morais, aplicáveis à conduta em geral e à sustentabilidade da vida, em particular:

⁵ O Alcorão descreve o ser humano como vice-regente de Deus na Terra (*califa*), mas não aceita a qualificação de “imagem e semelhança” de Deus, para manter intocado o seu radical monoteísmo: nenhuma criatura se associa, se compara ou se assemelha ontologicamente a Allah. Outras interpretações, ainda assim de cunho mais místico do que ontológico, foram desenvolvidas pelas escolas sufistas, não sem alguns conflitos com os teólogos e juizes islâmicos.

• ***Reconhecer as dádivas do Criador: 36,33-36***

Estes versículos convidam o ser humano a reconhecer a ação de Deus, que transforma a terra morta em solo fértil. Os processos naturais de germinação e frutificação, bem como o jorrar das fontes, são vistos sob ótica sagrada, como dádivas do Criador. Acena-se discretamente à Providência divina, que premune as criaturas de potencialidades presentes e futuras, garantindo o devir da vida. À sacralidade da Natureza o texto acrescenta a sacralidade do trabalho humano, “a fim de que possais comer daquilo que Ele oferece e do quanto vossas mãos produzem”. Em face de tantos sinais da benevolência divina, o Alcorão indaga, referindo-se aos seres humanos: “Acaso reconhecem?”. E termina com uma doxologia: “Glória Àquele que criou em pares tudo o que a terra produz” (v. 36).

• ***Evitar o desperdício e praticar a generosidade: 17,26-29***

Os primeiros versículos incentivam à generosidade para com os parentes, os pobres e os viajantes. Recordam que Allah é indulgente com quem é indulgente e advertem contra o desperdício. Quem desperdiça ofende o Criador; dispersa o que deveria ser partilhado com os pobres; torna-se ingrato perante Deus. Com sabedoria proverbial, esta Sura aconselha a temperança: “Não retenhas tua mão presa ao peçoço, nem a estendas demasiadamente”; pois Deus mesmo “distribui seus dons com largueza e parcimônia” (17,29-30). Trata-se de aviso contra o consumismo e apelo ao uso sóbrio dos recursos naturais.

• ***Respeitar o ritmo da natureza: 35,27-29; 16,65-69***

As Suras exaltam os benefícios da Natureza: chuvas e fecundidade do solo; rebanhos, carne e leite; variedade de frutas e legumes; palmeiras e vinhedos, donde extraímos bebidas e alimento. Um rápido aceno à “morte” da terra adverte sobre a exaustão do solo e o câmbio de estações. Mas, com sobriedade e cultivo, nenhum bem faltará. Com tais atitudes garante-se o suficiente para todos e respeita-se o ritmo regenerativo da Natureza, espaço vital e fonte primária do sustento humano.

• ***Manter-se na via mediana: 25,67; 57,23-24***

O Alcorão proscreve os excessos, considerados injustos e danosos para a saúde. Eles nascem da vaidade e da presunção, “[como alguém] que institui divindades a seu gosto, ávido por viver mil anos” (Sura 2,96). Deve-se seguir a virtude mediana, evitando os extremos da avareza e do desperdício: “o equilíbrio está no meio termo” (Sura 25,67).

• ***Cuidar da alimentação e da qualidade de vida: 2,168-173***

A permissão do bom nutrimento vem antes das proibições. Estas servem para prevenir enfermidades e manter saudável o corpo, num contexto de limitados recursos alimentares e sanitários. A Sura adverte, enfim, que as pessoas necessitadas podem reivindicar preferência no acesso à alimentação.

Estas Suras citam o solo, os astros, as águas, os rebanhos, as plantas e os oásis não só como recurso didático e argumentativo, mas como bens cotidianos e concretos. Com seu estilo peculiar, o Alcorão faz uma abordagem religiosa da biodiversidade. Por meio das criaturas Allah manifesta sua sabedoria, providência e vontade a respeito do mundo em geral, e do ser humano em particular. As virtudes propostas são de fato “ecológicas” pois se referem ao uso sensato dos bens, ao tratamento das águas e da terra, à manutenção dos recursos naturais, à gratidão pelos víveres, à moderação no comer e no beber, evitando excessos e desperdícios, numa atitude de gratidão e responsabilidade pela criação e pelos semelhantes.

“Enviamos das nuvens a chuva copiosa”
(Sura 78,14)

Na transmissão árabe da revelação divina, o *corpus* corânico faz uso do *mathal* : parábola, exemplo ou analogia. Há vários deles, de conteúdo sapiencial, ético, exortativo, legal e místico. O Alcorão declara a legitimidade do *mathal* e seu uso didático na Sura 14,24: “Não vês como Deus propõe em parábola uma boa palavra, semelhante a uma árvore frondosa, cuja raiz é sã e cujos ramos tocam os céus?”. Para o nosso tema, reservamos duas parábolas:

• **O pomar e os necessitados: Sura 68,17-20**

Certamente provaremos o povo de Meca, como provamos os donos do pomar, ao decidirem colher todos os seus frutos ao amanhecer, sem a invocação [do nome de Deus]. Aconteceu que enquanto dormiam, sobreveio-lhes uma centelha do teu Senhor. E, ao amanhecer, o pomar estava como se houvesse sido ceifado. [Porque Allah os tratou assim?] Porque naquela manhã, confabularam entre si: “Ide aos vossos campos, se quereis colher!” – E saíram sussurrando: “Que hoje não entre no vosso pomar nenhum necessitado”. Assim iniciaram a manhã com avareza, embora cheios de bens. Mas quando viram o pomar sem nenhum fruto [por obra de Allah, o sábio] disseram: “Em verdade, estamos perdidos! Estamos privados de tudo!” – E o mais sensato deles disse: “Não tinha eu vos advertido? Por que não glorificastes a Deus?” – Responderam: “Glorificado seja o nosso Senhor! Em verdade, fomos iníquos!” – E começaram a reprovar-se mutuamente. Então disseram: “Ai de nós, que fomos transgressores... É possível que o nosso Senhor nos conceda outro pomar, melhor do que este. Voltemo-nos, pois, para Deus”.

Aqui os conteúdos ético e ecológico se juntam na virtude da generosidade: assim como Allah, soberano do universo, concede-nos a dádiva de um pomar frutuoso, também nós, “califas” de Deus na Terra, devemos administrar esses bens com justiça, especialmente para com os pobres. Este *mathal* aproxima justiça e glorificação de Allah: assim como o louvor coroa a prática da justiça, em sentido inverso (mas correspondente) a prática da justiça é o coroamento do louvor. Assim, o Alcorão vincula justiça e glorificação de Deus, visto que admitir os necessitados no pomar é obra agradável a Allah, que proscree a avareza e prescreve a generosidade. Outra passagem corânica declara enfaticamente:

A piedade não consiste em voltar a face ao Oriente ou ao Ocidente. Piedoso é aquele que crê em Deus, no juízo, nos anjos, no Livro e nos profetas; que, por amor a Deus, dá de seus bens aos parentes, aos órfãos, aos necessitados, aos peregrinos e aos mendigos; é aquele que resgata os escravos, recita as preces e paga o tributo dos pobres; que cumpre suas obrigações, suportando adversidades, infortúnios e perigos. Assim são os crentes e piedosos. (Sura 2,177)

Essas linhas nos remetem diretamente às reivindicações proféticas do culto agradável a IHWH (Adonai), presentes em Isaías 58 (além de 29,13-14 e 56,1-7), Jeremias 7,21-26 e Oséias 6,6. No Novo Testamento, o dito de Jesus que mais se aproxima do *mathal* do pomar é a parábola do agricultor avarento em Lc 12,16-21. Nesses casos, a ganância e o acúmulo desonram a natureza, ofendem a generosidade divina e privam os necessitados do sustento. Tanto o Evangelho quanto o Alcorão vinculam os bens da natureza à justiça para com os necessitados, acenando para uma ética ecológica que previne a escassez e trata os bens globais (água, terra, ar, semente e colheita) como direito humano.

• *A tenda estendida: Sura 78,1-16*

Acaso não dispusemos a Terra como um leito e as montanhas, como estacas de uma tenda? E vos criamos todos em casais. E fizemos do vosso sono um repouso. Criamos a noite como um manto; e o dia, como tempo propício para a vida. E estabelecemos, por cima de vós, os sete firmamentos; e neles pusemos uma luz resplandecente. Enviamos das nuvens a chuva copiosa, para produzir, por meio dela, os cereais, as plantas e frondosos jardins!

Este *mathal* é repleto de analogias. A Natureza é apresentada como tenda erguida num oásis. Ela tem por toldo os céus (= manto) e se sustenta com as montanhas (= estacas). Ao abrigo desta tenda, repousamos na Terra (= o leito). Nela o ser humano descansa (= sono) e procria (= os casais). A “luz resplandecente” faz-nos pensar no Sol, mas pode significar também a Lua-cheia, no caso das noites. O oásis é descrito com elementos do ciclo hidrológico e do plantio. A chuva que irriga o solo cai copiosa porque Allah “espreme a esponja”: é assim que o árabe diz “nuvens” neste versículo. Esta chuva é tão vital para as pessoas, os animais, a agricultura e o equilíbrio climático, que o árabe a costuma chamar de “misericórdia divina” (*rahmat-U'llah*)⁶. O risco de escassez não está no texto, mas no contexto do cenário original: o clima árido, o sol escaldante, as chuvas sazonais, a raridade das fontes, a fragilidade dos grãos e as ameaças à boa colheita. A prodigalidade do Doador deve equilibrar-se com a responsabilidade do ser humano no usufruto das dádivas.

“Allah é o Único, o Sustentador de todas as coisas”
(Sura 112,1-2)

O Islam crê que o Alcorão preserva a instrução de Allah sobre as criaturas e o ser humano, conduzindo as relações entre humanidade e Natureza ao contínuo aperi-

⁶ Como na Sura 27,63 citada anteriormente.

moramento. Logo, pode-se colher da revelação corânica os princípios e critérios para a preservação e sustentabilidade da vida na Terra. A partir daí tem-se desenvolvido uma interpretação ecológica do Alcorão, com cuidados de autêntico *tafsir* (exegese)⁷.

Princípios da sustentabilidade

Fazlun Khalid (2002, p. 332-339), pesquisador da *Islamic Foundation for Ecology and Environmental Sciences* de Birmingham (Reino Unido), propõe quatro princípios corânicos para a sustentabilidade da vida planetária:

- Princípio da unidade (*tawhid*) – “Allah é o único, o sustentador (de todas as coisas); não gerou nem foi gerado” (Sura 112,1-2). Também: “A Deus pertence tudo o que há nos céus e sobre a terra: ele abrange todas as coisas” (Sura 4,126). Para o Islam, à unidade de Deus corresponde a unidade da criação: “(No princípio) céus e terra formavam um todo compacto” (Sura 21,30). Já que todos os seres provêm da ação criadora do único Deus, todos estão conexos entre si.
- Princípio da criação (*fitra*) – “Dentre seus sinais está a criação dos céus e da terra, e a variedade de vossas línguas e cores. (...) Volta teu rosto à religião, sendo monoteísta sincero. Assim é a natureza de Allah, segundo a qual Ele criou a humanidade. A criação feita por Deus é estável. Esta é a verdadeira religião” (Sura 30,22/30). Deus é uno e bom, e com tais qualidades criou o ser humano e os demais seres (Deus não é o autor do mal). A diversidade das criaturas (biodiversidade, etnias, culturas) não determina nem maldade, nem oposição. O mal e os conflitos surgem por obra do egoísmo, da iniquidade e da violência. Deus criou todas as coisas boas e interligadas.
- Princípio da balança (*mizan*) – “O Clemente ensinou o Alcorão; criou o homem e ensinou-lhe a eloquência. O sol e a lua giram em suas órbitas. As ervas e as árvores se prostram em adoração. Deus elevou o firmamento e estabeleceu a balança. Cumpri o peso com equidade e não defraudeis no peso” (Sura 55,1-9). Toda a criação tem uma ordem e um propósito estabelecidos pelo Criador, de modo que tudo se conecta num equilibrado movimento. O termo *mizan* (balança) ilustra o delicado equilíbrio da criação e apela à responsabilidade humana: nossa interferência na Natureza pode preservar ou destruir o que Deus criou.
- Princípio da responsabilidade (*califa*) – “Foi Ele quem vos constituiu seus vice-regentes na Terra” (Sura 6,165). O termo árabe “califa” significa legatário, representante ou vice-regente. Qualifica a responsabilidade que Allah confiou ao ser humano, para o bem da criação. Ciente de que Deus criou todas as coisas em bondade e unidade, a pessoa humana deve corresponder a este desígnio mediante critérios, decisões e práticas sustentáveis.

⁷ A exegese e a teologia ecológicas do Islam são desenvolvidas, sobretudo, por Fazlun Khalid, Karim Hamdy, Mohd Nur Mamat, Muhammad Muinul Islam, Mawil Izzi Dien, Ziauddin Sardar, Parvez Mansur, Sumaya Ouis e Saleha Mahmood-Abedin (cf. HAMDY 2000; MAHMOOD-ABEDIN 2001; KHALID 2002).

Perspectivas do saber e da prática ecológica

Outro pesquisador, Karim Hamdy (2000, p. 4-5), consultor do *Office of International R&D* de Oregon (EUA), propõe três perspectivas para o saber e a prática ecológicas conforme o Islam:

- “Nisso tudo há sinais para um povo que raciocina” (Sura 2,164). A criação é um livro aberto; repleto de sinais pelos quais o Criador nos convida à observação, investigação, descoberta, usufruto, manutenção e sustentabilidade. Daí a aplicação muçulmana às ciências, artes e ofícios: astronomia, álgebra, música, grafia, aritmética, medicina, filosofia, química, biologia e ecologia. Nesta tarefa se incluem o conhecimento e manutenção dos recursos naturais, fontes de alimento e de energia.
- “Criamos todos os seres vivos a partir da água” (Sura 21,30). Esta afirmação é seriamente considerada pela teologia e teodicéia muçulmanas. Ganha relevo ainda maior nos contextos de escassez de recursos hídricos, incentivando a preservação de fontes e aquíferos, o combate à poluição e o uso sóbrio da água.
- “Se conhecêsseis a Ciência certa, logo renunciaríeis à ostentação” (Sura 102,5). O original árabe pode ser traduzido como “ostentação” ou “excesso”, em contraste com a sobriedade e sustentabilidade. Os excessos ostentam a humana ilusão de senhorio, causando na verdade a dissolução dos bens, a má administração, a injustiça e a miséria. Já os comportamentos e práticas sustentáveis fazem parte da verdadeira Ciência.

Tanto os princípios da sustentabilidade (cf. KHALID 2002), quanto as perspectivas ecológicas (cf. HAMDY 2000) se depreendem do Alcorão. De um lado, os Autores citados desenvolvem a teologia e a ética islâmicas nos termos de uma adequada exegese (*tafsir*); de outro, buscam respostas novas do Islam à crise ecológica, relendo criativamente a teologia muçulmana clássica (*kalam*). Os mesmos princípios e perspectivas são aplicáveis à espiritualidade, gestão e educação ambientais, favorecendo o diálogo com outras propostas de sustentabilidade elaboradas por governos, religiões, ciências e instituições organizadas.

Conclusão

A leitura atenta do Alcorão nos permite colher os valores originais do Islam, tal qual foram registrados na sua principal fonte religiosa. É um exercício imprescindível para quem deseja conhecer as raízes da fé muçulmana, no esforço de superar reducionismos, educar-se ao diálogo e propiciar a colaboração interreligiosa.

Logo percebemos que – apesar de sua riqueza cultural e da proximidade com o Judaísmo e o Cristianismo (religiões de tradição abraâmica) – o Islam continua desafiando nossa interlocução. Da grande mídia aos centros urbanos, das igrejas às universidades, precisamos favorecer canais de diálogo que permitam ao Islam mostrar-se com rosto descoberto, num encontro em que as diferenças sejam assimiladas como alternativa e não como motivo de suspeita, violência ou segregação. Isto requer

competência e qualificação de sujeitos, longe da improvisação. É na reciprocidade que também nós teremos a chance de curar feridas históricas e superar eventuais reducionismos a respeito da nossa identidade cristã-ocidental em face do Islam. Os dois lados precisam aprimorar a arte do diálogo, dispostos a uma proporcional revisão de suas Histórias.

Quanto à ecologia, as convergências entre visão corânica e visão bíblica encorajam-nos a prosseguir o estudo, o intercâmbio e a ação conjunta em benefício da sustentabilidade do Planeta. Além disso, o apelo à racionalidade, a prescrição do uso sóbrio dos bens naturais, a valorização da biodiversidade, a consciência dos riscos de escassez e as virtudes ecológicas propostas no Alcorão fornecem conteúdo narrativo, simbólico e didático útil a um projeto ecológico interreligioso. Quando se trata de manutenção da vida e da natureza, também as religiões têm uma tarefa a cumprir. Traduzir o patrimônio religioso muçulmano (como também o judaico-cristão) em programas de educação ambiental e gestão sustentável dos recursos naturais é uma tarefa urgente para o presente e o futuro de nossa vida na Terra.

Referências bibliográficas

- AMIR-MOEZZI, Mohammad Ali (dir.). *Dictionnaire du Coran*. Paris: Robert Laffont, 2007, 981 pp.
- CAMPANINI, Massimo. *Il Corano e la sua interpretazione*. Roma-Bari: Editori Laterza, 2004, 149 pp.
- EL-HAYEK, Samir (trad.). *Alcorão Sagrado*. São Paulo: Marsam Editora, 1994, 759 pp.
- GNILKA, Joachim. *Bíblia e Alcorão – o que os une, o que os separa*. São Paulo: Loyola, 2006, 238 pp.
- HAMDY, Karim. *Islamic perspectives on natural resources management and sustainability*. Corvallis: Oregon State University, 2000, p. 1-5.
- KHALID, Fazlun. "Islam and the Environment" in *Encyclopedia of Global Environmental Change*, vol. 5. Chichester: John Wiley & Sons, 2002, p. 332-339.
- MAHMOOD-ABEDIN, Saleha. "Islão e governação global" in *Desafio para uma civilização global*. Lisboa: Instituto Piaget, 2001, p. 309-334.
- MANDEL, Gabriele (a cura di). *Il Corano*. Torino: UTET, 2004, 921 pp.
- MISCHE, Patrícia e MERKLING, Melissa (orgs.). *Desafio para uma civilização global*. Lisboa: Instituto Piaget, 2001, 467 pp.
- NASR, Helmi (trad.). *Nobre Alcorão*. Al-Madina: Liga Islâmica Mundial, s/d, 1065 pp.